

A abstração em movimento: Relações entre esculturas de Alexander Calder e pinturas transatlânticas de Piet Mondrian

Débora Brombal Visnadi (IC)

Resumo

Esta pesquisa evidencia uma relação comparativa entre a obra de dois artistas que se encontram na vanguarda da produção abstrata: Piet Mondrian em relação à pintura e Alexander Calder, à escultura. O estudo relaciona elementos internos de suas obras, como o uso da cor e a presença de ritmo, bem como analisa dados sobre o papel que a teorização do fazer artístico ocupa para cada um dos artistas selecionados.

Palavras-chave:

Arte abstrata, Piet Mondrian, Alexander Calder

Introdução

Nos diversos estudos sobre o desenvolvimento do trabalho de Calder, o papel de Mondrian encontra-se restrito à recepção do artista em seu ateliê em Paris no ano de 1930: foi ao se deparar com os retângulos coloridos e com a organização daquele estúdio que Calder sugeriu movimento a tudo aquilo, culminando numa série de experimentações abstratas que rapidamente se transformariam em seus conhecidos *Móviles*. Este estudo mostra como suas produções se aproximam para além do despertar de Calder à abstração, através de elementos como as intrínsecas questões cromática e rítmica em ambos os conjuntos, e a intersecção de alguns dos princípios neoplásticos ao programa escultórico de Calder.

Resultados e Discussão

Considerado o pai da arte cinética, é apenas após visitar o ateliê de Mondrian que Calder se vê incentivado a realizar experimentações com o movimento. Antes, porém, sugere que o colega coloque aquelas obras numa posição dinâmica, ao que Mondrian responde que “não, não é necessário, minha pintura já é bem rápida”¹.

Este diálogo trocado no encontro que desperta Calder para a abstração evidencia uma forte semelhança entre os dois conjuntos artísticos: o ritmo. A composição de Mondrian é guiada pelo princípio do equilíbrio assimétrico: uma vez que deve se dotar de tensão interna, o uso de paralelismos a tornaria estática. E de fato, seus trabalhos são dotados de ritmo, ainda que seja sempre virtual, interno à concepção da tela, e diferente da questão cinética que Calder viria a explorar.

Calder, como Mondrian, também aponta a simetria como algo indesejável em seus trabalhos, sendo que para ele “a coisa mais importante na composição é a disparidade”²; e vê, similarmente, no universo uma das maiores fontes de estímulo para seu trabalho, ainda que não do mesmo modo teosófico de Mondrian, mas através das formas, das constelações.

Além disso, antes de chegar aos primeiros *Móviles*, Calder faz experimentos com a pintura por algumas semanas, passando a explorar uma paleta de cores semelhante à de Mondrian – cores primárias, preto e branco – e concedendo a este aspecto uma

importância até então não dada por ele. Suas esculturas, até então realizadas em arame retorcido, passam a contar sempre com uma consideração maior dada às relações cromáticas.

Além disso, uma das questões apontadas pelo neoplasticismo de Mondrian seria a da harmonização entre arte e vida, por se ligarem às leis universais, inclusive acreditando que “no futuro [...] já não precisaremos de quadros, pois viveremos o meio da arte realizada”³. Assim, é com essa visão que a obra de Mondrian se vê mais próxima da de Calder: o norte-americano chegou ao ponto da integração entre arte e ambiente urbano da vida cotidiana através de seus trabalhos monumentais, nos quais chega em certos momentos, inclusive, a combinar estruturas móveis e estáveis.

Conclusões

Nota-se, portanto, que ainda que diferentes princípios levassem esses dois artistas ao caminho da abstração e ao seu desenvolvimento, os conjuntos artísticos de Calder e Mondrian se entrecruzam em diversos aspectos, para além do encontro que firmou uma breve troca.

A divergência teórica entre eles – de um lado a rigidez com que Mondrian segue as proposições neoplásticas, e de outro a soltura presente nas esculturas de Calder – não são suficientes para anular as similaridades estilísticas de seus conjuntos.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria de Fátima Morethy Couto, pelo apoio e direcionamento durante a evolução dos estudos. Agradeço ao PIBIC/CNPq pela oportunidade da realização do projeto, e também a todos que fizeram parte deste ano de pesquisas, de forma direta ou através de contínuos incentivos.

¹ Mondrian, Piet apud. Carandente, Giovanni. *Calder: mobiles and stables*. New York: New American Library, 1968, p. 14, tradução nossa.

² Calder, Alexander. *À Propos of Measuring a Mobile*. 1943, tradução nossa. Disponível em <http://calder.org/system/downloads/1943_A_Propos.P2903.pdf>

³ Mondrian, Piet In. Chipp, H. B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 320